



*The Glorious Eden*

*A paisagem-imagem*

de Sintra

e o turismo cultural.

*Grand Tour e*

literatura de viagens.

---

**Jorge Batista**

Portugal. Doutor em Belas-Artes, especialidade Teoria da Imagem, pela FBAUL e mestre em Arte, Património e Teoria do Restauro pela FLUL, onde também se licenciou em História, variante - História da Arte. É autor de artigos e publicações no âmbito da História da Arte e comissariou mais de uma dezena de exposições. É Técnico Superior de História da Arte do Quadro da Câmara Municipal de Sintra, desempenhando atualmente funções de Chefe da Divisão de Bibliotecas e Museus.

---

### ***The Glorious Eden - A paisagem-imagem de Sintra e o turismo cultural. Grand Tour e literatura de viagens.***

#### **Resumo**

O presente artigo pretende contribuir para o conhecimento da influência exercida pela trilogia: *paisagem-imagem – Grand Tour – literatura de viagens*, na criação e divulgação da imagem de Sintra. A articulação destes três fatores e a esfera de influência de cada um deles transforma Sintra num lugar privilegiado aos olhos do espectador-contemplador.

A crescente divulgação de Sintra, sobretudo na literatura de viagens, teve como principal consequência um aumento de viajantes, que hoje denominaríamos turistas. Os ingleses contam-se em maior número, uma vez que o *Grand Tour*, enquanto fenómeno que motivou jovens aristocratas a percorrer toda a Europa, teve início em Inglaterra. Porém, à medida que avança a centúria oitocentista há uma diversificação das nacionalidades dos turistas que visitam Sintra e que produzem literatura sobre o local.

Paralelamente, o *Grand Tour* e a literatura de viagens potenciaram uma intervenção na paisagem cenográfica de Sintra, que passou, sobretudo, pela construção, recuperação e valorização do património cultural e natural existentes, incluindo palácios, parques e jardins, operando uma reconfiguração visual do real, muitas vezes imprimindo a determinadas estruturas um aspeto de abandono, decadentista, selvagem e até de ruína que pretende, objetivamente, adequar as características do lugar ao espírito estético do movimento romântico.

#### **Palavras-chave**

Turismo cultural; Sintra; paisagem; *Grand Tour*; literatura de viagens.

### ***El Edén Glorioso - La imagen del paisaje de Sintra y el turismo cultural. Gran gira y literatura de viajes.***

#### **Resumen**

Este artículo pretende contribuir al conocimiento de la influencia que ejerce la trilogía: *paisaje-imagen - Grand Tour - literatura de viajes*, en la creación y difusión de la imagen de Sintra. La articulación de estos tres factores y la esfera de influencia de cada uno de ellos hacen de Sintra un lugar privilegiado a los ojos del espectador-contemplador.

La creciente difusión de Sintra, especialmente en la literatura de viajes, tuvo como principal consecuencia un aumento de viajeros, a los que hoy llamaríamos turistas. Los ingleses cuentan en mayor número, ya que el *Grand Tour*, como fenómeno que motivó a jóvenes aristócratas a viajar por toda Europa, comenzó en Inglaterra. Sin embargo, a medida que avanza el siglo XIX, se produce una diversificación en las nacionalidades de los turistas que visitan Sintra y que producen literatura sobre el lugar.

Al mismo tiempo, el *Grand Tour* y la literatura de viajes propiciaron una intervención en el paisaje escénico de Sintra, que implicó, sobre todo, la construcción, recuperación y puesta en valor del patrimonio cultural y natural existente, incluyendo palacios, parques y jardines, operando una reconfiguración visual de lo real, dando muchas veces

a determinadas estructuras un aspecto de abandono, decadencia, salvaje e incluso ruina, que pretende objetivamente adaptar las características del lugar al espíritu estético del movimiento romántico.

### **Palabras clave**

Turismo cultural; Sintra; paisaje; Grand Tour; literatura de viajes.

**The Glorious Eden - Sintra's landscape-image and cultural tourism. Grand Tour and travel literature.**

### **Abstract**

This article aims to contribute to the knowledge of the influence exercised by the trilogy: landscape-image - *Grand Tour* - travel literature, in the creation and dissemination of Sintra's image. The articulation of these three factors and the sphere of influence of each one of them transforms Sintra into a privileged place in the eyes of the spectator-contemplator.

The growing dissemination of Sintra, especially in the travel literature, had as main consequence an increase in travelers, that today we would call tourists. English are more numerous, since the *Grand Tour*, as a phenomenon that motivated young aristocrats to travel all over Europe, began in England. However, as the eighteenth century progresses, there is a diversification of the nationalities of tourists who visit Sintra and produce literature about the place.

At the same time, the *Grand Tour* and the travel literature have enhanced an intervention in the scenographic landscape of Sintra, which has mainly involved the construction, recovery and enhancement of the existing cultural and natural heritage, of palaces, parks and gardens, operating a visual reconfiguration of the real, often giving certain structures an aspect of abandonment, decadence, savage and even ruin that aims, objectively, to adapt the characteristics of the place to the aesthetic spirit of the romantic movement.

### **Keywords**

Cultural Tourism, Sintra, Landscape, Grand Tour, Travel Literature.

Hoje é o dia mais feliz de toda a minha vida. Conheço a Itália, a Sicília, a Grécia e o Egipto, e nunca vi nada, nada, que valha a Pena. É a cousa mais bella que tenho visto e só me acompanha um pesar, não ter aqui, ao pé de mim, minha mulher, a minha companheira. / E logo adiante, erguendo a estranha cabeça para o castello: Este é o verdadeiro jardim de Klingsor; e lá no alto está o Castello do Santo Graal. (Richard Strauss in *Notas Sobre Portugal* ARROYO 1908: 53).

A citação que introduz o presente artigo foi atribuída por António Arroyo (1856-1934) ao famoso compositor e maestro alemão Richard Strauss (1864-1949), aquando da sua passagem por Sintra no final da primeira década do século XX, na sequência do agendamento de vários concertos no Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa. As palavras proferidas referem-se ao palácio da Pena e ao seu admirável enquadramento paisagístico. O compositor, um dos últimos românticos na transição do século XIX para o século XX, um homem viajado e com acesso privilegiado a alguns dos mais belos locais da Europa, evoca Sintra como um lugar de excepcional beleza que maravilhou gerações de viajantes e simpatizantes do movimento romântico. A singularidade da vila e a serra que a acolhe foram, desde tempos imemoriais, locais de atração para muitos os que por ali passaram, ou fixaram, sobretudo a partir da segunda metade da centúria setecentista, em busca de uma paisagem simbólica, cenográfica, histórica, onírica, fantástica e natural. A paisagem, já de si edílica graças ao tempo e às gentes que a povoaram, foi transformada ao gosto romântico conferindo ao lugar uma beleza de distinto e notório potencial estético, devidamente reconhecido pelos viajantes do *Grand Tour*, precursor do turismo da modernidade.

A antiga vila de Sintra, a alguns quilómetros de distância a oeste da capital portuguesa, já celebrada nos períodos romano e árabe, assume-se, espontaneamente, como local privilegiado de evasão e refúgio. Acima de tudo, afirma-se como espaço alternativo à urbanidade das grandes cidades nacionais e europeias e das inevitáveis características que lhe estão adjacentes como o barulho, o lixo e a confusão. A pequena vila de características essencialmente rurais, de silhueta marcada por um exclusivo paço real guarnecido com duas chaminés de volumetria cónica, diferentes de tudo o que se conhecia, impunha-se no meio de um cenário paisagístico invulgar, preenchido por uma profusão de verdes que constituem o coberto vegetal da sua área envolvente.

Esta paisagem visual, que parece saída de um conto de fadas, encontra-se pontuada, aqui e ali, por castelo, palácios, quintas e conventos, construídos em momentos que remontam ao último milénio<sup>1</sup>, constituída por recantos bucólicos e encantadores onde a natureza de crescimento errático e espontâneo assume especial protagonismo. É uma composição cenográfica singular que o homem romântico privilegiava e à qual não conseguia nem desejava ficar indiferente. Na verdade, trata-se de um cenário criado ao gosto inglês, porque foram os ingleses, na sua maioria, que patrocinaram a construção e recuperação de palácios e parques, transformando o lugar e tornando-o ainda mais apelativo e encantador. Todavia, a figura que maior contributo deu para consolidar a imagem romântica de Sintra foi o rei D. Fernando II, que no final da primeira metade do séc. XIX, transformou o mosteiro de Nossa Senhora da Pena, no alto da serra de Sintra, num extraordinário palácio destinado aos períodos de vilegiatura da família real. A imagem de uma estrutura composta por volumetrias diferenciadas, no alto da serra, pintadas de vermelho, amarelo e revestida de painéis azulejares, marcou definitivamente a silhueta de Sintra e da sua serra de forma notável.

### **O *Grand Tour* e a sua relevância para a divulgação do destino Sintra.**

O *Grand Tour* desempenhou, efetivamente, um relevante papel na construção da *paisagem-imagem* de Sintra (BATISTA, 2018: 319-323). Este importante movimento originário do espírito iluminista, iniciado em Inglaterra na esfera das elites culturais e abastadas do reino, muito contribuiu para o desenvolvimento e conhecimento de uma Europa em grandes transformações, plena de contrastes e assimetrias. Os cidadãos de um determinado lugar abandonam o seu mundo conhecido, a sua esfera de conforto, para realizarem viagens de aventura em busca do desconhecido, do exótico e de novas sensações estéticas, na procura de novos caminhos, culturas, religiões e experiências. De entre os diversos fatores que direta e indiretamente incrementaram estas viagens e esta sede de conhecimento esteve, certamente, a publicação em 1764 da *História da Arte Antiga*, do filósofo e historiador alemão Johann Joachim Winckelmann (1717-1768), que acabou por valorizar a arte e a cultura clássica aumentando

expressivamente a curiosidade de jovens e intelectuais impelindo-os a partir para estas viagens. A peregrinação de um jovem homem pelo mundo, em busca da sua cultura ancestral, não servia apenas para afirmar a sua maturidade, uma espécie de ritual de transição da adolescência para a idade adulta, servia, paralelamente, como um percurso iniciático, uma busca de si mesmo, observando o conceito “[...] go and see” (VERMEULEN, 2010: 8).

O *Grand Tour*, foi, assim, um fenómeno ligado ao lazer, ao crescimento intelectual, à cultura, à arte, ao desenvolvimento e à aprendizagem para os seus seguidores. Não é de menor importância notar que estas expedições eram, sobretudo, realizadas por jovens ingleses pertencentes à aristocracia como suplemento dos seus estudos académicos em prestigiadas escolas como “Eton ou o King`s College de Cambridge” (COUTINHO, 2008: 24). Impunha-se uma nova maneira de estar, que procurava um complemento ao saber livresco e académico que se doutrinava nas academias. Tornou-se cada vez mais importante viajar, conhecer e relatar o mundo existente para além do universo que se reconhece.

Há neste período uma curiosidade natural, adquirida por via do Iluminismo e da Revolução Industrial, que no século XVIII impele o homem para um novo paradigma de sociedade, de procura de conhecimento e até de encontro consigo mesmo. É talvez o momento em que se inicia, de forma mais efetiva, a grandiosa odisseia na busca de progressos científicos que procuram melhorar a saúde e o bem-estar do indivíduo.

A partir da segunda metade do século XVIII a disseminação das linhas de caminho-de-ferro por alguns países da Europa central facilitaram bastante o sucesso desta grande viagem de turismo cultural que poderia demorar meses ou até anos, dependendo sempre da capacidade económica e do tempo disponível que o indivíduo tinha para nela gastar. A viagem devia contemplar uma visita aos locais culturalmente mais importantes para o conhecimento e compreensão da história do continente europeu:

Inicialmente circunscrito à França e à Itália, o *Grand Tour* estende-se a breve trecho a outras regiões da Europa, sobretudo ao Vale do Reno e aos Países Baixos. É, todavia, a partir de meados do século XVIII que o destino dos viajantes ingleses se começa a diversificar, passando a abranger as regiões mais remotas do continente europeu e nomeadamente as nações ibéricas. (SILVA, 1998: 143).

Portugal e Espanha passavam a integrar o itinerário destes importantes viajantes e divulgadores da cultura ibérica apesar da península demonstrar muitas carências estruturais (NETO, 2006: 18).

O resultado desta grande viagem era, não raras vezes, registado ao pormenor em diários e mais tarde publicado em artigos de jornal ou em obras de literatura de viagens, partilhando assim as experiências vividas em paragens distantes com os leitores e suscitando a sua curiosidade, ainda que, como defendeu George Turnbull (1698-1748), “[...] a writer could never fully Express the observations done on works of art”. (VERMEULEN, 2010: 8)

O *Grand Tour* foi fundamental para a divulgação do destino Sintra e determinante para a sua inclusão no importante itinerário do movimento romântico europeu. A crescente divulgação do lugar originou alterações na paisagem que haveriam de a transformar num lugar edílico de referência para os amantes do Romantismo.

### **Sintra na Literatura de Viagens**

A pequena vila e a serra que a acolhe constituíam um ponto de paragem obrigatório no itinerário do movimento romântico europeu e no panorama cultural português, como observou o escritor dinamarquês Hans Christian Andersen: “The most charming and most celebrated part of Portugal is undoubtedly Cintra” (ANDERSEN, 1870: 278). Efetivamente, Sintra mantém desde meados do século XVIII uma estreita relação com a literatura de viagens. A existência de uma paisagem de exceção, harmonizando história e natureza foram motivos de grande atração para os muitos viajantes que ali se deslocaram e registando as suas impressões em prosa, verso ou desenho perante a espetacularidade do cenário apresentado. Por esta razão existe hoje um considerável número de publicações relativas a Sintra e que, em certa medida, nos permitem acompanhar o percurso e o registo da sua *paisagem-imagem*.

O conjunto da paisagem sintrense é beneficiada pela sua essência manifestamente rural, inserida num país desprovido de visíveis avanços industriais e tecnológicos em contraponto com uma Europa em progressivo processo de Revolução Industrial. De entre as razões que mais contribuíram para a descoberta de Sintra estará,

seguramente, a proximidade à cidade de Lisboa pois era para a capital que convergiam grande parte daqueles que visitavam o país a vários pretextos. De Inglaterra vinha o maior número de visitantes, muito por culpa das crescentes relações comerciais entre as duas nações. Contudo, após o trágico terramoto de 1 de novembro de 1755 que assolou o sul do país, e Lisboa em particular, a cidade recebia cada vez mais visitantes oriundos de toda a Europa movidos pela curiosidade mórbida de ver de perto uma capital em ruínas (SILVA, 1998: 143-144). De Lisboa a Sintra era um pequeno passo, e isso mesmo era sabido pelos viajantes. Como defendeu William White COOPER (1816-1886): “No person should leave Lisbon without having seen Cintra [...]”. (COOPER, 1840: 95)

Um dos primeiros viajantes a registar a sua passagem por Sintra foi o político e erudito Thomas Pitt (1737-1793), que visitou a Península Ibérica em 1760, e que terá tido uma importante influência na divulgação da vila e sua serra em Inglaterra. Esta prestigiada personagem fazia parte do denominado círculo de Cambridge onde conviviam algumas das figuras mais cultas e influentes do país como o escritor Horace Walpole (1717-1797) ou o poeta Thomas Grey (1716-1761). Apesar de não ter publicado o resultado da sua viagem à Península, as suas reflexões acabaram por ser copiadas pelo religioso erudito da universidade de Cambridge William Cole (1714-1782) (NETO 2006: 15). Nesta obra inédita, Pitt descreve Sintra como um lugar de enorme carga cenográfica e pitoresca favorecendo intensamente a estética romântica.

Outra importante figura do meio erudito britânico, que visitou Portugal em 1788, foi o irlandês James Murphy (1760-1814). Tinha como missão desenhar o Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha (NETO, 1998), mas não deixou de visitar Sintra e a sua paisagem descrevendo-a da seguinte forma:

The sound and prospects peculiar to it are very favourable to reflection, particularly of a stormy day, when the murmurs of surges and the howling of tempests, fill the mind with a sympathetic sadness. Wherever we turn our eyes, the mind is struck with awful works of Nature: on one side is the distant ocean whose surface blends with the blue horizon; beneath, the deep valley strikes one with the appearance of an august cavern: the shattered state of the impending rocks on the declivity of the mountain, torn as it were asunder, and everywhere bursting from the soil, threaten at the least shock to tumble down and destroy the village. (MURPHY 1795: 244)

À medida que os relatos destes influentes eruditos se difundem aumenta progressivamente o número de viajantes em Sintra e conseqüentemente a literatura de viagens produzida sobre o lugar. Nela, fica bem claro que a paisagem de Sintra era o principal ponto de atração e o fator que merecia máximo destaque por parte de todos os que ali acorriam como William Thomas Beckford (1760-1844), William Bradford (ca.1780-1857), George Gordon Byron (1788-1824) que ficaria para a história como Lord Byron, Marianne Baillie (ca. 1795-1831) ou Dora Wordsworth (1804-1847).

A vastidão da paisagem e a natureza de Sintra são celebradas em toda a sua magnificência nas reflexões de William Beckford<sup>2</sup>: «From this pyramidal elevation the view is boundless: you look immediately down upon an immense expanse of sea, the vast, unlimited Atlantic» (BECKFORD 1834: 179). Nas palavras de Robert Southey (1774-1843):

This immense rock or mountain is in part covered with scanty herbage, in parts it rises into conical hills, formed of such immense stones, and piled so strangely, that all the machinery of deluges and volcanoes must fail to satisfy the enquiry for their origin [...] I never beheld a view that so effectually cheked the wick of wandering. Had I been born at Cintra, methinks no inducement could have tempted me to leave its delightful springs and shades, and cross the dreary wilderness that insulates them. (SOUTHEY 1808: 192-193)

Lord Byron (1788-1824) foi seguramente um dos mais importantes viajantes que passaram por Sintra e aquele que maior contributo deu para a sua divulgação no estrangeiro, sobretudo em Inglaterra. Byron terá visitado Sintra, em junho de 1809. O seu poema *Childe Harold's Pilgrimage* é uma das referências maiores na história da literatura romântica europeia e celebra Sintra em todo o seu esplendor.

Canto I

Estrofe XVIII

“Lo! Cintra's glorious Eden intervenes  
In variegated maze of mount and glen.  
Ah me! what hand can pencil guide, or pen,  
To follow half on which the eye dilates  
Through views more dazzling unto mortal ken  
Than those whereof such things the bard relates,  
Who to the awe-struck world unlocked Elysium's gates?”

Estrofe XIX

The horrid crags, by toppling crown'd,  
The cork-trees hoar that clothe the shaggy steep,  
The mountain moss by scorching skies imbrown'd,  
The sunken glen, whose sunless shrubs must weep,  
The tender azure of the unruffled deep,

The orange tints that gild the greenest bough,  
 The torrents that from cliff to valley leap,  
 The vine on high, the willow branch below,  
 Mix'd in one mighty scene, with varied beauty glow". (BYRON, 1854: 25)

Reiteradamente diversos autores, em particular ao longo do século XIX, citam uma ou as duas estrofes do poema respeitantes a Sintra e à sua serra, enaltecendo a obra de Byron e a paisagem sintrense. De tal maneira esta associação Sintra-Byron tem atravessado os últimos dois séculos que os dois termos são indissociáveis para qualquer autor ou investigador que pretende abordar o romantismo sintrense.

É claro que um tão grande número de viajantes resultou num elevado número de relatos sobre Portugal e sobre Sintra em particular. À medida que avança o século XIX maior é a quantidade de obras literárias disponíveis que assumem o formato de literatura de viagens, poesia ou romance. Uma das primeiras descrições de Sintra no feminino foi escrita por Marianne Baillie, que viveu em Lisboa entre 1821 e 1823. Em *Lisbon in the years of 1821, 1822 and 1823* Sintra é descrita com grande pormenor<sup>3</sup> e sempre que possível estabelecendo paralelismos com exemplos britânicos.

Nada, certamente, pode ser mais aprazível do que um panorama assim; e todavia um passeio de 10 minutos desde o hotel [certamente o *Lawrence Hotel*] oferecerá ao amante do sublime uma paisagem ainda mais perfeita. Refiro-me aos jardins do Palácio Marialva (...) de onde o complemento soberbo de um cenário de montanhas escarpadas pode ser apreciado. (BAILLIE, 2002: 44)

Mas nem só ingleses contaram as belezas de Sintra. Carl Israel Ruders (1761-1837), um sacerdote sueco que desempenhava funções de capelão junto da comitiva sueca, a residir em Lisboa entre 1798 e 1802, na sua obra *Viagem a Portugal, 1798-1802*<sup>4</sup>, escreveu o seguinte a propósito de Sintra numa carta datada de 4 de setembro de 1800:

Nem o paisagista da mais rica fantasia, capaz de reunir numa tela muitas belezas esparsas combinando-as idealmente para dar a impressão e o encanto da realidade, poderia, a propósito de Sintra, fazer um quadro que não fossem fragmentos destacados. / O panorama que a Natureza ali oferece é, em si próprio, tão variado que não há artista com forças para abrangê-lo ou copiá-lo no seu conjunto. E que diferença haveria sempre entre a paródia da Arte e a Realidade viva! De resto, nenhum dos meus amigos, por mais perfeita que fosse a descrição que eu pudesse traçar, conseguiria por ela fazer uma ideia

do aspecto de Sintra, visto que a Natureza, no nosso país, não apresenta regiões que se lhe possam assemelhar (...) a deleitosa recordação desta viagem a Sintra jamais se apagará da minha memória em todo o resto dos meus dias, embora eu tenha de guardar só para mim o prazer que ela me causou. (RUDERS 2002: 129)

Para terminar esta apresentação de louvores um outro estrangeiro, Félix Lichnowsky, que visitou Portugal no ano de 1842:

Quanto mais tempo me demorava em Sintra, tanto mais aprazível me parecia, e mais sonhadamente romântica; até que, quando finalmente me foi forçoso partir, repassou-me um tão íntimo desgosto que de todo se tornou manifesto para mim, que ali havia muito mais do que aquilo que haviam descoberto meus olhos profanos. O pesar da minha separação era a vingança do encantamento que eu desconheci. Essas frescas veredas cobertas de folhagem, o crescimento magestoso e exuberante da vegetação; as cascatas e frigidios regatos, as montanhas e penedias, a perspectiva das campinas e do oceano, tudo isso nunca o esquecerei, e com a autoridade de Byron e de Camões, com a opinião dos poetas e dos iliteratos de todos os tempos proclamarei Cintra o mais belo de todos os sítios da terra. (LICHNOWSKY 1853: 34)

As descrições detalham um universo visual pitoresco e agradável ao gosto romântico. No caso das imagens e descrições sobre Sintra notamos uma maior preocupação com a generalidade da paisagem, ou seja, a paisagem enquanto elemento autónomo de fruição estética. A sua elaborada e enfática descrição contrasta com as referências breves aos monumentos, como é o caso, por exemplo, do antigo mosteiro de Nossa Senhora da Pena, como notou Jorge Muchagato: “Os escritores viajados [d]o século XIX que passaram por Sintra referem o aspecto simples e pitoresco do mosteiro e a grandiosidade da vista que de lá se alcança. As referências ao mosteiro enquanto conjunto edificado são, de facto, breves e pouco originais, ao contrário do que sucede com a ambiência mística e contemplativa suscitada pelo local, assim como pelo esplendor da vista” (MUCHAGATO 2011: 28).

Sintra foi modelo de eleição e inspiração para artistas, poetas e escritores, perpetuando-se nos *carnets* de viajantes europeus e até ao século XIX encontramos referências a Sintra em dezenas de obras de literatura de viagens<sup>5</sup>. De entre estes viajantes incluem-se, por força das circunstâncias, os militares que para Portugal se

deslocaram no âmbito das invasões napoleónicas. Se por um lado o teatro de guerra afastou muitos viajantes do país, por outro, as altas patentes militares das fações francesa e inglesa, escreveram muito a propósito das maravilhas e dos costumes que encontravam à sua passagem, contribuindo assim, também, para a imagem de Portugal no estrangeiro e nomeadamente de Sintra. É de notar que, neste caso, falamos de uma literatura com finalidades descritivas de um determinado lugar, privilegiando o registo detalhado do território, abordando matérias como costumes da população e de seus governantes, quotidianos, hábitos culturais e, muitas vezes, pormenores relativos à história política e militar. Apesar dos muitos relatos realizados por militares, poucos foram aqueles que se dedicaram à fruição da paisagem.

Os guias de viagens, destinados aos estrangeiros que visitavam Portugal eram editados em Portugal e em vários países estrangeiros, com particular destaque para a Grã-Bretanha. O abade de Castro e Sousa (1804-1876) ao elaborar uma memória histórica sobre os principais monumentos de Sintra, nomeadamente o Mosteiro de Nossa Senhora da Pena, o Castelo dos Mouros e o Paço Real da Vila, lamentava a falta de guias de viagem que pudessem esclarecer os estrangeiros sobre o nosso património: “Em todas as nações estrangeiros há itinerários, e guias instruídos; porem em a nossa (com magoa o repetimos) se por acaso os temos, são raros, e a maior parte não teem os necessários conhecimentos da historia pátria, nem de muitos objectos curiosos, que os vetustos monumentos geralmente encerrão” (SOUSA 1843: 5).

A segunda metade da centúria acabaria por colmatar essa falta e verificamos que os guias de viagem começam a existir em maior quantidade<sup>6</sup>. O rigor da informação sobre o património e o povo português, nem sempre se verifica nos relatos que encontramos, no entanto, a vila de Sintra e a sua serra são presença permanente em qualquer um deles.

A gravura foi utilizada como meio privilegiado para ilustrar os mais variados tipos de publicações: desde as científicas, passando pelas religiosas e até, obviamente, pela literatura de viagens. De autor anónimo, *Portugal or the young travellers: being some account of Lisbon and its environs, and of a tour in the Alemtejo, in which the customs and manners of the inhabitants are faithfully detailed. From a Journal kept by a Lady during three years actual residence*, foi publicado em Londres em 1830. Apesar do seu

autor não ser identificado percebemos pela leitura do título que se trata do testemunho de uma senhora que viveu em Portugal ao longo de três anos. É uma publicação que, não obstante apresentar, mormente, um retrato genérico de Lisboa e seus arredores, toma Sintra como o seu principal elemento de promoção. De facto, das oito gravuras apresentadas ao longo das quase trezentas páginas, seis são de Sintra. Aos olhos dos portugueses a paisagem sintrense também se apresentava como uma imagem de grande atração visual e foram muitas as figuras que se dedicaram à sua descrição como Almeida Garret, Eça de Queirós ou António Dâmaso de Castro e Sousa (1804-1876), que ficaria para a história como abade de Castro. Este último oferece-nos uma interessante descrição sobre a vila de Sintra e a sua serra no momento exatamente anterior à transformação do convento hieronimita votivo a Nossa Senhora da Pena em Palácio da Pena:

A Serra de Sintra está quasi sempre coberta de um vapor espesso, e suas faldas são no inverno a habitação de nevoeiros, e em muitas tardes de verão o íman de trovoadas e de negras nuvens, que attrahidas a diferentes pontos da cordillheira, pelas suas repetidas coruscações nos crepúsculos, no Verão, formão daquelles phenomenos os mais bellos e variados quadros. Como o Mosteiro da Pena visinha muito com a região aerea, pela extranha altura em que se acha edificado, muitas vezes se virão accommettidos de raios os seus Monges” (SOUSA 1841: 23-24).

A imagem de Sintra apresenta-se a estas elites, agentes de transformações sociais, económicas, culturais e políticas, seguidoras e defensoras de uma cultura visual e artística, como um modelo que importa preservar. Efetivamente esse objetivo maior foi plenamente conseguido e a *paisagem-imagem* de Sintra como um lugar de referência, permanece ainda hoje.

## **Conclusão**

A *paisagem-imagem* de Sintra foi expressivamente influenciada pela imagem literária plasmada nos mais diversos estilos – como o romance, a poesia ou os guias de viagem -, publicados, sobretudo, entre a segunda metade da centúria setecentista e o século XIX. A consequência imediata desta crescente divulgação do lugar é um aumento

substancial de viajantes, a quem hoje chamamos turistas, originando, assim, uma notória cadeia de influências, poucas vezes observada em Portugal, entre: *paisagem-imagem* – *Grand Tour* – literatura de viagens. Efetivamente, é na articulação destes três fatores e na esfera de influência de cada um deles que Sintra se transforma num lugar privilegiado aos olhos do espetador-contemplador. A literatura de viagens, divulga a *paisagem-imagem* de Sintra na sequência de uma viagem realizada ao local.

Importa salientar, no âmbito da trilogia identificada, que um dos fatores mais relevantes para o sucesso de Sintra está diretamente ligado com a transformação da paisagem. De facto, a íntima relação que a pequena vila e a sua serra estabeleceram com o romantismo europeu potenciou inúmeras intervenções que passaram, sobretudo, pela recuperação e valorização do património cultural e natural existente, bem como a construção de palácios, parques e jardins, de vincada estética romântica. Assiste-se, assim, a uma reconfiguração visual do real muitas vezes imprimindo a determinadas estruturas um aspeto de abandono, decadentista, selvagem e até de ruína que pretende, objetivamente, adequar as características do lugar ao espírito estético do movimento romântico.

Sintra ainda hoje se apresenta ao turista viajante como um cenário edílico deslumbrante, graças a um conjunto de esforços, promovido por entidades públicas e privadas, que lhe permitiram preservar e conservar uma imagem de excelência.

## Referências

- ABASCAL, Juan Manuel e CEBRIÁN, Rosário. *Los Viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*. Madrid: Real Academia de la História, 2009.
- ABRANTES, Duchesse D'. *Souvenirs d'une Ambassade et d'un Séjour en Espagne et en Portugal, de 1808 a 1811*. Bruxelles, Société Belge de Librairie, etc., 1838.
- ANDERSEN, Hans Christian. *In Spain, a visit to Portugal*, New York, Cambridge: Riverside Press, 1870.
- ARROYO, António. *Notas sobre Portugal*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1908.
- BADCOCK, Lovell. *Rough Leaves from a Journal kept in Spain and Portugal during the years 1832, 1833, & 1834*, London: Richard Bentley, 1835.
- BAILLIE, Marianne. *Lisbon in the years of 1821, 1822 and 1823*, Tradução e Introdução Albano Nogueira, Lisboa: Textos Biblioteca Nacional, 2002.
- BATISTA, Jorge. *Palácio de Seteais – Arquitectura e Paisagem*, Lisboa: Livros Horizonte, 2011.
- BATISTA, Jorge. *A Paisagem-imagem de Sintra e a sua natureza visual*, Lisboa: Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2018.
- BECKFORD, William. *Memoirs of William Beckford*, 2 Volumes, London: Charles J. Skeet, Publisher, 1835.
- BECKFORD, William. *A Corte da Rainha D. Maria I*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1901.
- BECKFORD, William. *Diário de William Beckford (em Portugal e Espanha)*, Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1957.
- BERKELEY, Alice e LOWNDES, Susan. *English Art in Portugal*, Collection História da Arte, Lisboa: Edições Inapa, , 1994.
- BORRALHO, Maria Júdice. "William Beckford e a paisagem", in *Romantismo – Imagens de Portugal na Europa Romântica*, Sintra: Instituto de Sintra, p. 59-62, 1998.
- BRELAZ, Celestine. *Croquis de Cintra dessinés d'après nature et lithographiés par C. NE B.*, 1840, Lisboa : Lith. de M.el Luiz, 1840.
- BURNETT, William H., s/d, *Views of Cintra*, s/l.
- BYRON, Lord, *Life and works of Lor Byron. With original and selected information on the subjects of the engravings*, Volume 1, London: Published by John Murray, 1833.
- BYRON, Lord. *The Poetical Works*, Volume 1, Philadelphia, Published by R. W. Pomeroy, 1839.
- BYRON, Lord. *The Poetical Works*, Volume 2, Boston, Published by Cummings & Hilliard, 1814.

- BYRON, Lord. *Childe Harold's Pilgrimage*, Edited by Thomas Moore, Philadelphia: Published by Henry Carey Baird, 1854.
- CHAVES, Castelo Branco. *Os Livros de Viagens em Portugal no século XVIII e a sua projecção europeia*, Lisboa: Biblioteca Breve 1987,.
- COOPER, William White. *The invalid's guide to Madeira, with a description of Tenerife, Lisbon, Cintra, Mafra, etc. and a vocabulary of the portuguese and english languages*, London: Smith, Elder and co, 1840.
- COSTA, Francisco. *Beckford em Sintra no Verão de 1787 - História da Quinta e Palácio do Ramalhão*, Sintra: 1982.
- COUTINHO, Glória Azevedo. *Monserate*, Lisboa: Livros Horizonte, 2008.
- CRASKE, Mathew. *Art in Europe 1700-1800: A History of the Visual Arts in an Era of Unprecedented Urban Economic Growth «Oxford History of Art»*, Oxford, Oxford University Press, 1997.
- GRAVES, Michael. *Images of a Grand Tour*, New York: Princeton University Press, 2005.
- IVES, Colta. *Romanticism and the School of Nature. Nineteenth-Century Drawings and Paintings from the Karen B. Cohen Collection*, New York: The Metropolitan Museum of Art, Yale University Press, 2001.
- JACK, Malcom. "Was Beckford a true friend of Portugal?", in *Romantismo – Imagens de Portugal na Europa Romântica*, Sintra: Instituto de Sintra, p. 119-126, 1998.
- LICHNOWSKY, Príncipe. *Portugal: Recordações do anno de 1842*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1844.
- MIRZOEFF, Nicholas. Edited by, *The Visual Culture Reader*, second edition, London and New York, Routledge, 2010.
- MURPHY, James Cavanah. *Travels in Portugal through the provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura and Alentejo in the years 1789 and 1790*, Londres: 1795.
- MUCHAGATO, Jorge. *O Palácio e Parque da Pena. Fontes e Bibliografia para Apoio à Investigação Histórica – Volume I, O Mosteiro de Nossa Senhora da Pena*. Sintra: 2009.
- MUCHAGATO, Jorge, *O Palácio e Parque da Pena Fontes e Bibliografia para Apoio à Investigação Histórica - Volume II, O Palácio da Pena*, Sintra, 2009.
- NETO, Maria João Baptista, "James Murphy e o Mosteiro de Santa Maria da Vitória", in *Romantismo – Imagens de Portugal na Europa Romântica*, Sintra, Instituto de Sintra, p. 291-306, 1998.
- NETO, Maria João Baptista. *Thomas Pitt. Observações de uma Viagem a Portugal e Espanha (1760), Observations in a Tour to Portugal and Spain (1760)*, Lisboa: IPPAR, 2006.
- NETO, Vítor Hugo. "Portugal e os portugueses vistos por William Beckford", in *Romantismo – Imagens de Portugal na Europa Romântica*, Sintra: Instituto de Sintra, p. 79-86, 1998.
- REIS, Vítor dos. *A vida das imagens: nos cinquenta anos do Art and Illusion de E. H. Gombrich*, Arte Teoria, Lisboa, 1998.

REWALD, Sabine. *Rooms with a View: The Open Window in the Nineteenth Century*, New York, The Metropolitan Museum of Art, Yale University Press, 2011.

RUDERS, Carl Israel. *Viagem em Portugal, 1798-1802*, Lisboa: BNP, 2002.

SCHIOPPETTA, Domingos, s/d, *Álbum de Gravuras - Sintra e Colares de Domingos Schioppetta*, s/l.

SERRÃO, Vítor, *Sintra*, Lisboa, 1989.

SILVA, Maria Ribeiro. "O romantismo de Albrecht Haup e a "A Arquitectura do Renascimento em Portugal", in *Romantismo – Imagens de Portugal na Europa Romântica*, Sintra: Instituto de Sintra, p. 307-344, 1998.

SOUSA, António Dâmaso de Castro e. *Memória Histórica sobre a origem da fundação do real mosteiro de N. S. da Pena*, Lisboa, Tipografia de António José Cândido da Cruz, 1841.

SOUSA, António Dâmaso de Castro e. *Investigação ao Castello, Situado na Serra de Cintra*, Lisboa: Tipografia de António José Cândido da Cruz, 1843.

SOUSA, Tude de. *Mosteiro, Palácio e Parque da Pena*, Sintra: Sintra Gráfica, 1951.

SOUTHEY, Robert. *Letters written during a journey in Spain, and a short residence in Portugal*, 2 Volumes, London, Printed for Longman, Hurst, Burst, Rees, and Orme, 1808.

STOCKDALE, Colebrooke, s/d, *Souvenir of Sintra, Drawn from Nature*, s/l.

VERMEULEN, Ingrid. [Picturing Art History: The Rise of the Illustrated History of Art in the Eighteenth Century](#), Amsterdam University Press, 2010.

VERSCHAFFEL, Bart. *Essais sur les genres en Peinture. Nature Morte, Portrait, Paysage*, Bruxelas : La Lettre Volée, 2007.

VERSCHAFFEL, Bart, *The world of the Ladscape*, <http://dx.doi.org/10.7771/1481-4374.2036> [consultado em 22-12-2020].

VIVIAN, George. *Scenery of Portugal & Spain*, On Stone by L. Hague, London, P. & D. Colnaghi & C.<sup>a</sup> Pall Mall, East Ackermann & c.<sup>o</sup> Strand, 1839.

## Notas

<sup>1</sup> Como por exemplo o Castelo dos Mouros, o Paço Real de Sintra, a Quinta da Penha Verde, o Convento dos Capuchos, o Palácio de Seteais, o Palácio de Monserrate, o Palácio da Pena ou a Quinta da Regaleira.

<sup>2</sup> William Beckford foi autor do famoso romance gótico intitulado *Vathek* e duas importantes obras no âmbito da literatura de viagens que não podemos deixar de nomear: *Diário de William Beckford* e *A Corte da Rainha D. Maria I – correspondência de William Beckford*.

<sup>3</sup> Com particular destaque para o palácio de Seteais.

<sup>4</sup> A obra, cujo título original em sueco é *Portugisisk Resa: Beskrifven i Bref till Vänner*, é o resultado de uma compilação de cartas escritas pelo autor em que este descreve o panorama cultural português entre 1798 e 1802. A primeira edição foi publicada em Estocolmo, na Suécia, e em três partes. Uma em cada um dos seguintes anos: 1805, 1807 e 1809. Para o nosso estudo utilizaremos a edição: *Viagem a Portugal 1798-1802*, publicada pela Biblioteca Nacional em 1981.

<sup>5</sup> De entre as largas dezenas de autores que aqui poderíamos referenciar, destacamos: Gil Vicente (1465?-1536?) com duas peças de teatro: *O triunfo do Inverno* (1529) e *Auto da Lusitânia* (1532); Garcia de Resende (1470-1536): *Crónica de D. João II* (1545) e *Miscelânea e Variedade de Histórias* (1554); João de Barros (1496-1570): *Crónica do Imperador Clarimundo* (1521); Luisa Sigea (1522?-1560): *Syntra* (1566); Camões (1525-1580): *Os Lusíadas* (1572); Luís Pereira Brandão (1530-1540-?): *Elegiada: Guerra, Perda e Morte d'el-Rei D. Sebastião* (1588); Gabriel Pereira de Castro (1571-1632): *Ulyssea ou Lisboa Edificada* (1636); Thomas Pitt (1737-1793): *Observations in a Tour to Portugal and Spain*, (1760) (2006); James Murphy (1760-1814): *Travels in Portugal; through the provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-tejo, in the years 1789 and 1790* (1795); Henrich Friedrich Link (1767-1851) *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und Verzuglich Portugal* (1801-1804); Carl Israel Ruders (1761-1837): *Portugisisk Resa, Beskrifven, Bref Till Vänner* (1805); Robert Southey (1774-1843): *Letters written during a Journey and short Residence in Portugal* (1808); Byron (1788-1824): *Childe Harold's Pilgrimage* (1812); D. José Manuel da Câmara (?-?): *Floresta de Cintra e Passeios de Colares* (1809); William Bradford (ca.1780-1857): *Sketches of the Country, character, and Costume, in Portugal and Spain, made during the campaign, and on the route of the British Army, in 1808 and 1809 engraved and coloured from the drawings by the Rev. William Bradford* (1809); Ricardo Raymundo Nogueira (1746-1827): *A Serra de Sintra* (1814); Moyle Sherer (1789-1869): *Recollections of the Peninsula* (1823); William Morgan Kinsey (1788-1851): *Portugal Illustrated in a series of Letters* (1829); William Beckford (1760-1844): *Italy with sketches os Spain and Portugal* (1834); Lovell Badcock (1786-1861): *Rough Leaves from a Journal kept in Spain and Portugal during the years 1832, 1833, & 1834* (1835); Principe Lichnowsky (1814-1848): *Portugal Erinnerungen aus dem Jahre 1842* (1843); Almeida Garret (1797-1854): *Camões* (1825), *Um auto de Gil Vicente* (1838) e *As Pegas de Sintra* (1843); Dora Wordsworth (1804-1847): *Journal of a few Months Residence in Portugal and Glimpses of the south of Spain* (1847); Hans Cristian Andersen (1805-1875): *Et Besøgi i Portugal 1866* (1868); Ramalho Ortigão (1836-1915): *O Mistério da estrada de Sintra* (1870) [escrito juntamente com Eça de Queirós]; Lady Jackson (1824-1891): *Fair Lusitania* (1874); Eça de Queirós (1845-1900): vários romances.

<sup>6</sup> Para citar alguns exemplos: ALEXANDER, James Edward, 1835, *Sketches in Portugal during The Civil War of 1834*, London, James Cochrane and Co; COOPER, William White, 1840, *The invalid's guide to Madeira, with a description of Tenerife, Lisbon, Cintra, Mafra, etc. and a vocabulary of the portuguese and english languages*, London, Smith, Elder and co; ROCKWELL, Charles, 1842, *Sketches of Foreign Travel*, Boston: Published by Tappan and Dennet; New York: D. Appleton & Co. and Wiley & Putnam; *Novo Guia do Viajante em Lisboa e seus arredores – Cintra Collares e Mafra*, Loja de Livros de J. J. Bordalo, Lisboa, 1853; O'SHEA, Henry, 1869, *Guide to Spain & Portugal including the Balearic Islands*, Edinburgh, Adam & Charles Black, London, Longmans & Co (Este guia tem uma naotação inicial que diz que é vendido em: Paris, Bordeus, Pau, Biarritz, Madrid e Málaga); MACEDO, Joaquim António, 1874, *A guide to Lisbon and its environs including Cintra and Mafra, with a large plan of Lisbon*, London, Simpkin, Marshall & C.<sup>a</sup>, Lisbon, Matthew Lewtas, Lisbon; ANDERSEN, Hans Christian, 1870, *In Spain, a visit to Portugal*, New York, Cambridge: Riverside Press; MACHADO, Júlio César, 1880, *Novo Guia do Viajante em Lisboa, Cintra, Collares, Mafra, Batalha, Setubal, Santarem, Coimbra e Bussaco*, Lisboa, Editor J. J. Bordalo.